
Ariovaldo Ramos

A Igreja como terceira filha

Leitura bíblica: Lucas 15,11-12

«Um homem tinha dois filhos; e o mais novo disse ao pai: “Pai, dá-me a parte da herança que me cabe”; e ele repartiu-lhe os bens.»

Esta é uma palavra muito conhecida, mas queria partilhar convosco algumas impressões.

A primeira é que aqui temos um homem com dois filhos. Quando o filho mais novo surpreendeu o pai com isto, o filho matou o pai no seu coração. Rompeu com o pai e foi-se embora. Ele foi surpreendido pela vida e, sem o pai, não soube o que fazer; deitou tudo por terra e caiu na miséria. Então, estando lá longe, o pai ressuscitou no seu coração. Finalmente compreendeu a bondade do pai; simplesmente ao pensar no que o pai fazia com os seus empregados, o pai ressuscitou no seu coração. Ele voltou apenas para lhe pedir emprego, não sentia que tivesse a possibilidade de ser tratado como filho. Foi então que o pai surpreende o filho. Antes de o filho terminar o seu discurso de pedido de perdão, o pai abraça-o e leva-o para o seio da família, dá-lhe o anel da família e as vestes de príncipe.

E ali, nesse momento, sem se aperceber, o pai comete um erro: manda matar o bezerro gordo para fazer um churrasco em homenagem ao filho mais novo. Por que digo que ele cometeu um erro? Por duas razões: Primeiro. Porque o bezerro pertencia ao filho mais velho; pois quando o mais novo pediu a herança, o pai repartiu os bens entre os dois. Portanto, aquele animal era do irmão mais velho. A segunda razão pela qual digo que o pai cometeu um erro é que ele esperava algo diferente do filho mais velho. Ele pensava que tinha um filho, e ali descobriu que tinha outro. Quando o irmão mais velho chegou, ao ver a festa, disse: «Eu não quero participar nisto». E aí surpreendeu o pai. O pai contava com que o mais velho fosse celebrar, tal como ele, o regresso do irmão mais novo. Mas ele, não só não comemorou como surpreendeu o pai ao demonstrar que o seu coração nunca tinha estado em sintonia com o coração do pai. Ele disse-lhe: «Eis que há tantos anos que te sirvo... e nunca me deste nem um cabrito para me divertir com os meus amigos». O pai ficou surpreendido, pois entendia que o que era dele era dos filhos. Além disso, ele já tinha repartido os seus bens pelos dois filhos. Por isso, o pai diz-lhe: «Podias ter feito tantas festas quantas quisesses». O problema, mais uma vez, estava no coração dos filhos. O primeiro filho teve problemas com o pai, e o segundo também. O coração deles não

estava em sintonia com o do pai. Eles conheciam a lei do pai, mas não o espírito nem o coração do pai.

Creio que, ao falar destes dois filhos, Jesus Cristo está, na verdade, a tentar falar-nos de um terceiro filho; aquele filho que o pai gostaria de ter encontrado no dia do churrasco. Quando Jesus chegou à Terra, encontrou o seu povo dividido em dois grupos, tal como Lucas descreve no mesmo capítulo 15 desta parábola, nos versículos 1 e 2: «*Todos os publicanos e pecadores aproximavam-se de Jesus para o ouvir, e os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: «Este recebe os pecadores e come com eles».* Uns, os publicanos e pecadores, aqueles que em algum momento se afastaram de Deus, assemelham-se ao filho mais novo que pediu a sua herança e partiu. Os outros, os fariseus e os escribas, são representados pelo filho mais velho que ficou com o pai, aparentemente. Na verdade, eles diziam do Pai algo como: «é mau com ele, mas pior sem ele, por isso é melhor eu ficar». Mas nunca compreenderam o Pai. Talvez por isso afugentem os irmãos mais novos. Penso que Jesus está a falar de um terceiro filho, a quem chamo a Igreja, talvez uma filha. Ela, sim, amaria o Pai pelo próprio Pai. E amaria os irmãos pelos irmãos. Ela, a Igreja, seria o terceiro filho ou a terceira filha que viveria sempre com o Pai, pelo Pai e através do Pai. O Pai seria a sua fonte de alegria, a sua fonte de vida. Os irmãos seriam os seus sonhos missionários. Ela iria buscá-los para os recuperar. Faria qualquer sacrifício para que eles conhecessem o Pai tal como Ele realmente é.

Compreendo que, quando Jesus contava isto, ao encontrar o seu povo dividido nestes dois grupos que não souberam compreender o Pai, e ao exclamar: «Eu edificarei a minha igreja», Ele queria dizer: Eu vou gerar o terceiro filho, que amará o Pai como eu o amo, que O servirá como eu O sirvo, que terá Nele o mesmo prazer que eu sinto, que a sua comida e bebida será fazer a vontade do Pai, e que amará os seus irmãos como eu os amei até ao ponto de dar a minha própria vida. Penso que esta é a nossa vocação. Somos líderes da igreja do Senhor pela misericórdia inexplicável de Deus, e compreendo que esta é a nossa missão.

É interessante pensar que esta parábola é acompanhada por outras duas. A primeira, a da ovelha perdida. «*Qual de vós, tendo cem ovelhas, se perder uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai atrás da que se perdeu, até a encontrar?»* Qual é a resposta a uma pergunta deste tipo? A resposta é: Ninguém. Ninguém deixaria noventa e nove ovelhas no deserto para ir à procura de uma. Primeiro iria ao curral para levar as noventa e nove, e depois veria o que se poderia fazer pela que se perdeu. E Jesus parece dizer-nos: Eu vou gerar um novo filho que fará qualquer loucura para procurar aqueles que estão perdidos; qualquer sacrifício.

E a outra parábola: «*Ou que mulher, se tiver dez dracmas e perder uma, não acende a lâmpada, varre a casa e procura com diligência até a encontrar?»*. Isto dá-nos a sensação

de que a dracma é muito valiosa. Parece que Jesus está a dizer: Vou gerar um terceiro filho para que todo o ser humano seja resgatado através do trabalho que for necessário.

Por fim, gostaria de dizer que ser o terceiro filho implica algo mais. Sim, implica amar o Pai como Cristo O amou, ao ponto de fazer da vontade do Pai o seu alimento e bebida, o seu prazer e alegria; amar os filhos de Deus como Cristo os amou, ao ponto de dar a sua vida por eles; mas significa também cuidar dos bens do Pai. Tendo em conta o que aquele pai disse ao filho mais velho: *«tudo o que tenho é teu»*, penso que todos os líderes da igreja de Jesus Cristo, como vocês (e não me incluo neste grupo seletivo), precisam de servir como altos oficiais das forças do reino de Deus, o comando superior, os grandes estrategas. Pensar nas coisas do Pai, no que interessa ao Pai nesta terra onde estamos, para que a sua vontade seja feita, a sua glória reconhecida e o seu Nome exaltado; para que os homens conheçam a Deus. Pois não há um único ser humano que não subsista pela graça de Deus. E o nosso papel é fazer com que eles reconheçam Deus, Aquele de quem todos dependem e por causa de quem continuam a viver. Diante do Senhor, temos essa responsabilidade. Não estamos aqui para tomar o que pertence ao Pai e fazer o mesmo que fez o filho mais novo. Nem para fazer o que fez o mais velho. Compreendendo que somos apenas servos, mas Jesus Cristo disse: *«Já não vos chamarei servos, porque o servo não sabe o que o seu senhor faz; mas chamei-vos amigos»*. Mas ao amigo conta-se tudo, do amigo espera-se cooperação. O amigo envolve-se, ocupa-se das nossas coisas como se fossem suas. Ó, que pela graça de Deus nos tornemos estrategas! E que, olhando para o mundo, nos perguntemos: Onde vamos atacá-lo? Onde vamos estabelecer a autoridade do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo? Onde vamos evangelizar? Onde vamos cobrir com intercessão? Onde vamos concentrar os nossos esforços?

Ariovaldo Ramos